



## ACHADOUROS DE INFÂNCIAS: MARCAS DE RELAÇÕES ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO ESPAÇO DA CRECHE

Luciane Pandini Simiano<sup>1</sup>

Maria Carmen Silveira Barbosa<sup>2</sup>

Carolina Gobbato<sup>3</sup>

### Resumo

O presente texto tem por foco problematizar o espaço da Educação Infantil a partir das marcas de relações entre bebês e adultos encontradas na creche. Como recurso argumentativo, apresentam-se elementos de duas dissertações de mestrado em educação (PANDINI-SIMIANO, 2010; GOBBATO, 2011) que versam sobre a educação de bebês em espaços coletivos. O eixo de aproximação entre os estudos ocorre pela busca da compreensão sobre como os bebês ocupam, marcam e se relacionam com/no espaço da creche. Como resultado, ressalta-se a importância da materialidade do espaço enquanto elemento que educa, comunica, reflete ideias e mensagens. Observou-se, no diálogo entre as duas pesquisas, que a singularidade dos bebês e suas marcas ganham pouca visibilidade no contexto educativo, sendo, muitas vezes, secundarizadas. Enquanto expressão física, as brancuras e coloridos encontrados no espaço revelam con(tra)dições que contam sobre formas de ser bebê e viver a infância na creche.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Creche. Espaço. Relações. Bebês.

## FINDINGS OF CHILDHOOD: MARKS OF RELATIONS AMONG BABIES AND ADULTS IN THE NURSERY SPACE

### Abstract

This text has the focus on problematize the space of early childhood education from marks relations among babies and adults found in the nursery. As Argumentative feature, it presents elements of two thesis in master education degree (PANDINI-SIMIANO, 2010; GOBBATO, 2011), which were focused on the babies education in collective spaces. The axis for approach between the two studies happens on the search for understanding how babies occupy, mark and relate to/within the nursery. As a result,

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizando parte de seu doutoramento na Università degli Studi di Firenze no período de novembro 2013 a maio de 2014, mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina e graduada em Pedagogia. Atualmente é professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina. É coordenadora do projeto de extensão universitária brinquedoteca: brincadeira levada a sério. Participa do grupo gestor do Fórum de Educação Infantil da região Sul de Santa Catarina. É pesquisadora associada ao Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura- NUPPEC/ UFRGS, Grupo de Estudos em Educação Infantil - GEIN/UFRGS e Grupo de Pesquisa Educação, Infância e Gênero GEDIG/ PPGE/UNISUL. E-mail: <licianepandini@gmail.com>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e Pós-doutora pela Universitat de Vic, Catalunya, Espanha (2013). Atualmente é Professora Titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atua como Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa: Estudos sobre as Infâncias e como Professora Colaboradora no Programa de Mestrado em Educação da UNISC na Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação. E-mail: <licabarbosa@uou.com.br>.

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Sul- UERGS. E-mail: <carolina.gbt@yahoo.com.br>.



we emphasize the importance of the materiality of space as an element that educates, informs, and reflects ideas and messages. In the dialogue between the two surveys, we observed the babies' uniqueness, and that their marks gain low visibility in the educational context, and they are often placed as second. While physical expression, the whiteness and color found in space reveal con(tra)ditions which tell about ways to be baby and live their childhood in the nursery.

**Keywords:** Childhood Education. Nursery. Space. Relations. Babies.

## ENCUENTROS DE INFANCIAS: MARCAS DE RELACIONES ENTRE BEBES E ADULTOS EN EL ESPACIO DE LA GUARDERÍA

### Resumen

Este texto tiene por foco problematizar el espacio de la Educación Infantil desde las marcas de relaciones entre bebés y adultos que se encuentran en la guardería. Como recurso argumentativo, se presentan elementos de dos tesis de maestría en Educación (PANDINI-SIMIANO, 2010; GOBBATO, 2011), las cuales tienen foco en la educación de bebés en espacios colectivos. El eje de aproximación entre los estudios ocurre por la búsqueda de comprensión sobre cómo los bebés ocupan, marcan y se relacionan con/en el espacio de la guardería. Como resultado se resalta la importancia de la materialidad del espacio mientras elemento que educa, comunica, refleja ideas y mensajes. Se ha observado en el diálogo entre las dos investigaciones que la singularidad de los bebés y sus marcas ganan poca visibilidad en el contexto educativo, que están en segundo plan, muchas veces. Mientras expresión física, las blancuras y coloridos encontrados en el espacio revelan con(tra)diciones que cuentan sobre formas de ser bebé y vivir la infancia en la guardería.

**Palabras-clave:** Educación Infantil. Guardería. Espacio. Relaciones. Bebés.

Mas eu estava a pensar em *achadouros de infâncias*. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a *cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos* (MANOEL DE BARROS, p.10 2003).

As creches foram consideradas, historicamente, como espaço de guarda e abrigo das crianças pequenas enquanto suas mães trabalhavam. A organização e gestão desses espaços foi permeada pelo viés higienista e da puericultura, fato que influenciou fortemente o atendimento aos bebês em instituições educativas.

Nas últimas décadas, a partir do entendimento da Educação Infantil como direito, não apenas das famílias, também das crianças, o espaço da creche torna-se campo de pesquisas, reflexões e questionamentos: Quais as configurações físicas privilegiadas para o atendimento de crianças pequenas? O que caracteriza um espaço *dos* bebês? Quais as marcas e vestígios dos bebês encontrados no espaço da sala e o que comunicam sobre as relações As

creches foram consideradas historicamente como espaço de guarda e abrigo das crianças pequenas enquanto suas mães trabalhavam. A organização e gestão desses espaços foi permeada pelo viés higienista e da puericultura, fato que influenciou fortemente o atendimento aos bebês em instituições educativas.

Nas últimas décadas, a partir do entendimento da educação infantil como direito, não apenas das famílias, mas também das crianças, o espaço da creche torna-se um campo de pesquisas, reflexões e questionamentos: Quais as configurações físicas privilegiadas para o atendimento de crianças pequenas? O que caracteriza um espaço *dos* bebês? Quais as marcas e vestígios dos bebês encontrados no espaço da sala e o que comunicam sobre as relações estabelecidas entre bebês e adultos? De que forma essas marcas interrogam o modo de organização desse espaço?

O presente texto aborda tais questões, ao focar as marcas impressas pelos bebês e adultos na creche, problematizando a organização desse espaço a partir dos vestígios de relações entre os sujeitos que lá (con)vivem. As indagações e reflexões estão pautadas no diálogo realizado a partir de elementos de duas pesquisas de mestrado em educação, realizadas entre os anos de 2010 e 2011, em instituições públicas de Educação Infantil localizadas em Santa Catarina (PANDINI-SIMIANO, 2010) e no Rio Grande do Sul (GOBBATO, 2011).

A primeira pesquisa<sup>4</sup>, realizada em 2010, contemplou uma creche pública municipal situada na região sul do estado de Santa Catarina. O enfoque privilegiado de análise foi a sala do berçário I, habitada por um grupo de 10 bebês (quatro meninas e seis meninos) com idade entre 4 a 18 meses; e quatro adultos, duas professoras e duas auxiliares. A segunda pesquisa<sup>5</sup>, desenvolvida no Rio Grande do Sul, em uma instituição municipal de Educação Infantil de Porto Alegre, teve como sujeitos 14 bebês de 4 a 19 meses e quatro adultos, duas professoras e duas auxiliares.

Trata-se de duas pesquisas de orientação etnográfica (ANDRE, 2000), que versam

---

<sup>4</sup> PANDINI-SIMIANO, Luciane. **Meu Quintal é Maior que o Mundo**: da configuração do espaço da creche à constituição de um lugar dos bebês. Santa Catarina: Unisul, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

<sup>5</sup> GOBBATO, Carolina. **Os bebês estão por todos os espaços**: dos bebês na sala do berçário aos bebês nos contextos de vida coletiva da escola infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

sobre a educação de bebês em espaços coletivos. O eixo de aproximação entre os estudos ocorre pela busca da compreensão sobre como os bebês ocupam, marcam e se relacionam com/no espaço da creche.

“Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no quintal vestígios dos meninos que fomos”. Retomamos a metáfora de Manoel de Barros (2003, p. 10) na epígrafe deste texto. O poeta convida a seguir atrás de achadouros de infâncias... Encontrar marcas, rastros, vestígios deixados pelas relações estabelecidas entre bebês e adultos no espaço da creche. Neste inventário de achados, busca-se conhecer um pouco mais a respeito dos bebês e dos seus espaços coletivos de viver a infância.

### **SOBRE O ESPAÇO DA CRECHE: ALGUNS OLHARES**

Recentemente, produções acadêmicas no âmbito da educação infantil vêm desenvolvendo estudos que buscam evidenciar a capacidade de comunicação e interação dos bebês com outras pessoas. Como exemplo, podemos citar Prado (1998) Coutinho (2009), Schmitt (2009), Pandini-Simiano (2010), Gobatto (2011), que colocam os bebês como sujeitos ativos que iniciam ações, procuram o outro através do olhar, do gesto, do toque, do choro, interessam-se pelo mundo desde seu nascimento.

Nesse sentido, os estudos de Faria (1999), Barbosa (2010), Horn (2004) Carvalho e Rubiano (2005) destacam a importância da organização dos espaços, em uma pedagogia da Educação Infantil que prima pela participação, pela escuta, pelo diálogo e pelas relações. A partir do princípio de que “a pedagogia se faz no espaço e o espaço se faz na pedagogia” (FARIA 1999, p.70), podemos afirmar que os espaços não são apenas panos de fundo, mas um elemento pedagógico que educa, amplia (ou limita) possibilidades de experiências dos bebês no cotidiano educativo.

A esse respeito, Viñao Frago e Escolano (1998, p. 26) apresentam o espaço como elemento significativo do currículo, uma forma silenciosa de ensino.

O espaço escolar é também por si mesmo um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem, sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos,

culturais e também ideológicos.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os elementos que constituem o espaço educativo - localização, traçado arquitetônico, objetos, organização, a estética interior e exterior - não são neutros. A materialidade expressa um conjunto de padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende.

A discussão do espaço da sala, enquanto elemento curricular que configura um determinado tipo de pedagogia e que condiciona determinadas dinâmicas de trabalho, ganha relevo, também, no âmbito das políticas em Educação Infantil.

Relativo à legislação educacional brasileira, observamos um conjunto<sup>6</sup> de documentos que orientam os padrões de infraestrutura nas instituições de Educação Infantil. O documento mais recente que temos na área são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009. p.8), onde encontramos que:

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas partilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses.

Podemos perceber, nesse documento, uma preocupação para além dos pressupostos arquitetônicos e higienistas. Evidencia-se a necessidade de um espaço brincante, aconchegante e desafiador, que favoreça o jogo, a imaginação, os encontros entre bebês e adultos.

Considerando a organização do espaço como elemento que materializa as propostas pedagógicas na Educação Infantil, destaca-se a criação de contextos que possibilitem a acolhida, o desafio, a exploração, a participação, a expressão, as marcas de crianças e adultos que partilham e comungam um mesmo espaço.

Nessa direção, para Gallardini (1996 *apud* GUIMARÃES; LEITE, 1999, p. 13), “[...] o espaço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos

---

<sup>6</sup> BRASIL (1996, 1998, 1998a, 1999, 2001, 2006, 2006a, 2009a).

que o organizaram; é uma mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças”.

A pedagogia italiana<sup>7</sup> é pioneira na forma de conceber a organização dos espaços como fundamentais, constituindo-se em um dos princípios de sua proposta. No contexto italiano, o espaço é considerado como *outro educador*, já que é parte da cultura e história de cada um dos centros de educação coletiva. Portanto, é valorizado

devido ao seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e o seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem estar e segurança nas crianças. **Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as idéias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele** (MALAGUZZI, 1984 apud GANDINI, 1999, p. 157, grifos nossos).

Os espaços das instituições, entendidos assim, são *aquários* contextuais que espelham a memória e as criações culturais dos grupos de crianças e adultos que ali vivem. Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que a forma como planejamos e organizamos os espaços coletivos de educação e cuidado dos bebês não são neutras, pois revelam uma intenção pedagógica e, ao mesmo tempo, podem nos revelar as concepções que os adultos têm sobre os bebês. A forma como são organizados e as marcas que ali estão comunicam algo sobre e para os sujeitos que ali convivem...

## DIÁLOGOS ENTRE A BRANCURA E O COLORIDO: VESTÍGIOS DE RELAÇÕES ENTRE BEBÊS E ADULTOS NO ESPAÇO DA CRECHE

Ao chegar na sala do berçário, é possível observar na parede a predominância do **branco**, com exceção de três painéis. O primeiro, localizado na parede à direita da sala, retrata três patinhos e algumas flores feitas de EVA. O segundo, localizado na mesma parede, é um painel com as mesmas figuras acompanhadas de plaquinhas que indicam a data de nascimento das crianças. Os dois painéis parecem ser destinados às crianças. Ao apresentar à sala, a professora fala a respeito deles: “Estes

---

<sup>7</sup> Ressalta-se que a pedagogia italiana não é única em todo país. Há semelhanças e diferenças entre regiões. A pedagogia a qual nos referimos, neste trabalho, localiza-se nas experiências de Reggio Emilia, Milão, Parma, San Miniato e Pistoia (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002).

painéis foi eu que fiz durante minhas férias para receber os bebês. Me deu um trabalhão!” (PANDINI- SIMIANO, 2010. p. 92, grifos da autora).

No fragmento acima, podemos notar um esforço da professora em configurar um espaço de bebês. A preocupação em marcar o espaço com os nomes das crianças, o tempo despendido durante o período de férias para a confecção do painel, indicam a intenção de organizar um espaço que fale sobre e para aquele grupo de crianças que o habita. Embora haja intenção, os painéis foram fixados na altura dos adultos, não permitindo sequer o acesso visual aos bebês. Assim como Agostinho (2003, p. 53), acreditamos que “as paredes falam, pulsam, revelam o que está sendo vivido na creche.” Nesse sentido, questiona-se: Que mensagens estas paredes comunicam aos bebês? O que as paredes *contam* sobre as experiências dos bebês nesses espaços?

Branco. Brancura. Nenhuma marca dos bebês. As paredes *falam* sobre um imenso vazio. Lima (1989, p. 62) coloca que “se persiste a ideia de que a escola para ser considerada limpa tem de ostentar paredes, janelas e portas sem marcas das crianças”. O branco parece ainda fazer parte do modo de relações com os bebês, reforçado por um viés higienista da puericultura. Cria-se uma creche onde suas instalações internas assemelham-se muito mais a um hospital do que a uma instituição para crianças sadias (BARBOSA, 2006).

Em nome da limpeza, da higiene e da ordem da sala, as paredes deixam de documentar e socializar a história dos sujeitos que habitam esse espaço. Nenhum tipo de marca física que imprimisse a personalidade dos bebês que ali vivem é encontrada. Professoras bem intencionadas preparam painéis com flores e desenhos com traços infantis, mas não convidam as crianças para desenhar, imprimir marcas no espaço que também é delas. Sob a alegação de que “os bebês rasgam e sujam os painéis”, tira-se a oportunidade do bebê “se manifestar, colocando em seu lugar a interpretação do adulto sobre o que seria tal manifestação” (LIMA, 1989, p. 63).

A instituição de Educação Infantil é um espaço concebido pelos adultos para uso das crianças e, por isso, contém uma visão adulta sobre quais seriam as necessidades das crianças (LIMA, 1989). Portanto, antes de ser um espaço de criança, é um espaço pensado para ela.

Partindo desse pressuposto, apresentamos abaixo um fragmento que lança tinta e propõe mais cor à discussão do espaço e à produção marcas deixadas pelos bebês:

Brinquedos, móveis, materiais, cenários, fotos e objetos. O espaço da sala do berçário é **colorido**. As paredes pintadas de verde, por iniciativa das professoras, recebem também marcas feitas pelos bebês que foram convidados a pintar aquele espaço com tinta permanente. A professora convida os bebês: “Vamos pintar as bandeiras de São João? Vamos deixar nossa sala bem bonita e bem colorida. No dia seguinte, ao chegar à sala, grande foi a surpresa, me deparo com as marcas dos bebês modificadas.... Elas já não retratavam integralmente os vestígios deixados por eles. A professora com uma tinta de cor preta contornou as cores da pintura dos bebês, dando a ela formas e formatos, com corações, flores, letras, números, bandeirinhas, balões e uma fogueira de São João” (GOBBATO, 2011 p. 102).

O convite para pintar a parede aponta, por parte da professora, uma aposta nas ações dos bebês. O ato de possibilitar que os bebês imprimam marcas permanentes na parede revela que, embora haja intenção, as marcas dos bebês não são legitimadas. Esse fato leva a refletir: De quem são as marcas que prevalecem nas salas dos bebês? O que as marcas dos bebês representam para o adulto? Que significado aquela pintura contornada teve para os bebês? O que revelam sobre as relações entre adultos e bebês no espaço da creche?

Podemos inferir que as marcas dos bebês no espaço da sala têm maior ou menor permanência, conforme os significados conferidos a elas pelos adultos. As professoras possibilitaram, aos bebês, a oportunidade de fazer experiências com as tintas, a partir de suas mãos, com pincel, com rolinho. Fato que colore a experiência, as práticas pedagógicas, a vida que pulsa no interior das instituições educativas. Porém, no outro dia, silenciosamente, as expressões dos bebês ganham contornos pretos que retratam uma lógica de pintura adultocêntrica.

Se, por um lado, foi possibilitado aos bebês imprimir marcas, por outro, elas não são reconhecidas como legítimas. Os vestígios de experiência dos bebês são transformados a partir da impressão da marca adulta *sobre* a deles. Com isso, as professoras parecem buscar legitimar algo que, para elas, não é autêntico, algo que precisa ser justificado, melhorado para ter valor.

Completar? Dar forma? Tornar bonito? Mas o que é bonito? Para quem? O episódio convida a um exercício de questionamento sobre as marcas que encontramos nas salas de berçário. Dialogando com Redin (2010), perguntamos: “Porque é tão difícil aceitar a diversidade, a novidade, a criação? Não aceitamos ou não entendemos que as crianças (e

também os adultos) têm uma necessidade de expressar-se de diferentes maneiras?” (REDIN 2010, p. 253).

O espaço físico constitui-se tanto como o local para que os bebês experimentem as suas primeiras sensações quanto como um espaço relacional. Compartilhamos com Lima, para quem “[...] o espaço é o elemento material pelo qual a criança experimenta o calor, o frio, a luz, a cor, o som e, em uma medida, a segurança [...] é em um espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e, ao fazê-lo, esse espaço material se qualifica” (LIMA, 1989, p. 13).

Nessa perspectiva, trata-se de perceber como os bebês intervêm nesse espaço, construindo significados para além de uma ocupação física, “mas em representações que dizem da sua história, da sua condição” (REDIN, 2010, p. 253). Assim, ao abordar a importância de visibilizar as marcas dos bebês no espaço da sala, não nos referimos à produção excessiva de trabalhos em uma lógica de produtividade escolarizante, mas à valorização de vestígios que contam a história do grupo de bebês, das marcas que respeitem o que é próprio dos bebês e suas potencialidades, suas culturas.

Acreditamos que o espaço da creche precisar acolher as marcas impressas pelas crianças pequenas em suas singularidades e pluralidades. Reconhecer e respeitar os vestígios, as pistas, os testemunhos de quem experimenta materiais, testa, brinca, lambuza, toca, sente. Os traços deixados pelos bebês contam sobre seus modos de ser e estar no mundo, sua história, suas aprendizagens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve por tema a Educação Infantil, os espaços e as relações estabelecidas entre bebês e adultos. Ao considerar que o espaço não é neutro, já que expõe idéias e externaliza mensagens, apresentaram-se discussões conceituais que abordam tal temática. Os elementos que contemplam o espaço projetam uma ideia de educação que corresponde aos padrões culturais e pedagógicos que as crianças internalizam e aprendem ao longo do processo educativo.

A partir de elementos de duas pesquisas de mestrado em educação, buscou-se sublinhar a fundamental importância de considerar as múltiplas expressões e saberes infantis

no espaço da creche. No âmbito da organização dos espaços, a singularidade dos bebês ganha pouca visibilidade, sendo, muitas vezes, secundarizada. Enquanto expressão física, podemos afirmar que os espaços educativos pesquisados revelam con(tra)dições. Considerando a não neutralidade dos objetos nos espaços, a presença ou ausência de determinados elementos e a forma como são organizados estão sempre comunicando algo sobre e para as pessoas que ali convivem. Questiona-se: O que os bebês aprendem com esses espaços? O que as marcas deixadas nesses espaços comunicam e revelam aos e sobre os sujeitos que ali vivem 12 horas por dia? Brancos, brancuras, coloridos... Vestígios de relações revelam formas de ser bebê e viver a infância na creche.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, K. A. **O espaço da creche: que lugar é esse?** 2003. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A. **A etnografia na prática escolar**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Porto Alegre, 2010. 16 f. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article)>. Acesso em: 27 mar. 2012.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e base da educação nacional**. Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 a, 3 v.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2006a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 01, de 07 de abril de 1999. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: Diário Oficial da União, 1999, Seção 1, p. 18.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 01, de 07 de abril de 1999. **Institui as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil.** Diário Oficial da União, Brasília, 09 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 14.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil: Encarte 1.** Brasília: MEC, SEB, 2006.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). **Educação infantil: muitos olhares.** São Paulo: Cortez, 2005. cap. 4, p. 107-130.

FARIA, A. L. G. de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: FARIA, A. L. G. de; PALHARES, M. S. (Orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas, SP: Autores Associados -, São Carlos, SP: Editora da UFSCar, Florianópolis, SC: Editora da UFSC. P. 67-98, 1999.

GANDINI, L. Espaços educacionais e envolvimento pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999. P. 145-158.

GOBBATO, Carolina. **Os bebês estão por todos os espaços: Dos bebês na sala do berçário aos bebês nos contextos de vida coletiva da escola infantil.** Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

GUIMARÃES, D. de O.; LEITE, M. I. **A Pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos.** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, GT 07, Educação de crianças de 0 a 6 anos, Caxambu: 1999.

HORN, M. da G. S. **Sabores, Cores, Sons, Aromas: A organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

PANDINI- SIMIANO, L. **Meu Quintal é Maior que o Mundo: Da configuração do espaço da creche à constituição de um lugar dos bebês.** Santa Catarina: Unisul, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

PRADO, P. **Educação e Cultura Infantil em Creche**: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequeninhas em um CEMEI de Campinas/SP. São Paulo: Unicamp, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

REDIN, M. M. Ética, estética e educação infantil. In: MULLER, F. (Org.). **Infância em perspectiva**: políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez Editora, 2010. P. 240-255.

SCHMITT, R. V. **“Mas eu não falo a língua deles!”**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. Florianópolis, SC. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

**RECEBIDO EM 11 DE OUTUBRO DE 2016.**

**APROVADO EM 27 DE OUTUBRO DE 2016.**